

Criatividade, sentido e personalização: uma proposta de práticas alternativas de avaliações em Filosofia no Ensino Médio

André Fávero (Escola Nossa Senhora das Graças -Gracinha-, São Paulo-SP)

› ***Breves considerações teóricas e metodológicas de nossa experiência pedagógica (aulas e avaliações)***

*“Até agora não se chegou a aprender filosofia alguma; pois onde está ela, quem a possui e através de
quê é dado conhecê-la? Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão na aplicação de
seus princípios gerais em certas tentativas que se apresentam...” (Kant, Crítica da Razão Pura)*

Certamente, mais do que falarmos em “Filosofia”, poderíamos falar em “filosofias”, dado à sua imensa variedade de ideias e expressões no decurso da história. Isso põe logo de largada algumas *questões* cruciais: de qual filosofia convém tratar com os alunos do Ensino Médio? Qual programa a ser adotado? Há que se trabalhar tematicamente? Ou se deveria seguir a História da Filosofia? Nesse caso, caberia fazer recortes dela? Quais então conviriam? Qual o mínimo a que se deve ater e garantir no contexto maior da educação dos jovens do Ensino Médio? E *como* fazê-lo, de modo a “seduzir” os alunos e assegurar-lhes uma boa base filosófica? Como familiarizá-los com uma linguagem altamente argumentativa e criadora de conceitos, tornando-os capazes de fazer o mesmo? Como ascender dos valores e crenças que permeiam os interesses e conversas de cunho pessoal, emocional, relacional, momentâneo, cotidiano etc. dos alunos para uma problematização genuinamente filosófica, a partir dos contextos em que estão inseridos? Noutras palavras, sobre *o que* e *como* filosofar?

Seja como for, o pensamento verdadeiramente filosófico é por excelência *inventivo*, e é esse seu caráter que suscita a *pedagogia* adequada, tanto para as aulas quanto para as avaliações de Filosofia: ambas devem ser assumidas como um *processo de pensamento*, e não, respectivamente, uma simples transmissão e verificação de conhecimentos. A tarefa do professor não seria, então, “explicar” ou “ensinar” a Filosofia e depois nas avaliações “cobrá-la de volta” tal qual, mas decifrar para os alunos suas regras de funcionamento, seu rigor reflexivo e questionador, e praticá-los com eles e lhes incentivar a se expressarem a esse respeito, sem o que não há inventividade, tampouco se filosofa.

Pensar filosoficamente é uma *arte* e, como toda arte, requer inspiração, mas também esforço e protagonismo; portanto, só pode ser uma tarefa empreendida pelo próprio aluno, com a ação mediadora do professor e o exemplo dos filósofos em suas obras. Trata-se de formar estudantes apaixonados pela experiência tanto íntima quanto coletiva do pensar, alunos codescobridores e coinventores de conhecimento, e não meros assimiladores e reprodutores de informações.

Para isso, é fundamental cuidar de três preocupações centrais da aula de Filosofia, as mesmas esperadas a comparecerem, por parte dos alunos, nos instrumentos de avaliação que posteriormente apresentaremos: a *problematização*, a *argumentação* e o *conceito*, não necessariamente nesta ordem. Esses três elementos de uma boa aula e produção avaliativa devem ser operados de maneira *construtiva*, considerando-se que nenhum tema filosófico deve ser admitido como pronto e acabado. O foco está sempre na *construção*: faz-se Filosofia *construindo* o problema, a boa argumentação e os conceitos.

A tempo, concebemos haver três condições mínimas para o estabelecimento de uma *base cultural* para o filosofar: 1) “adestramento de raciocínio na prática do aprendizado das ciências exatas; 2) conhecimento da diversificação histórico cultural e da variabilidade de critérios fundadores da esfera ético-política, através da familiaridade com os conteúdos do núcleo humanístico; e 3) relativa ampliação do imaginário e domínio da linguagem através dos conteúdos de língua e literatura”¹. Nesse sentido pluricognitivo da cultura, reconhecemos a necessidade que a Filosofia tem de bases sólidas a serem adquiridas pelos alunos em outras áreas de conhecimentos específicos; e isso a coloca não num “lugar messiânico”, como às vezes dela se espera, mas como participante e dependente de *interdisciplinaridade*. Enquanto cada ciência, a Literatura, a Filosofia etc. são especificidades do pensamento, este mesmo é um fenômeno universal. Aprender a pensar “O que é isso? Como isso se relaciona com aquilo?” é justamente o que se trata de operar com os alunos, mobilizando tantas áreas do saber quanto possível. E a possibilidade de se estabelecer e explorar todas essas relações multidisciplinares tem nas aulas e avaliações de Filosofia talvez o espaço mais privilegiado dentro de toda a escola.

Por fim, colocamo-nos, ainda, uma pergunta norteadora: como deve ser o filosofar em nossa Escola, particularmente? A resposta certamente supõe práticas direcionadas do estudo de Filosofia, sem perder de vista como ela está inserida na grade e no histórico institucional e o quanto isso lhe demanda uma real interdisciplinaridade, sobretudo atuando junto aos diversos Projetos de séries existentes na Escola. Além disso, requer-se também a devida compreensão dos processos histórico-culturais em que nossos alunos estão engendrados, tanto quanto sensibilidade para com as características socioeconômicas que eles apresentam. Tais compreensão e sensibilidade implicam não em conformação resignada de nossas

¹ LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Por que Filosofia no Segundo Grau. In: Estudos Avançados 6 (14), 1992, p.162.*

práticas, mas em assumir como desafio o que o particular contexto sócio-econômico-cultural deles carrega como deficiências a serem superadas em sua adequada formação para autonomia e para a cidadania.

Ao longo dos três anos do Ensino Médio, nosso programa acompanha a *História da Filosofia*. Cientes da contrapartida exigida por essa escolha de perseguir certa sequência dada, esforçamo-nos para tornar a História da Filosofia ocasião de uma abordagem cuidadosa com os *temas* que com ela surgem. É nesse sentido que nossos estudos adentram, interdisciplinarmente e em comunhão com os Projetos de cada série, as principais áreas da Filosofia (ontologia, linguagem, lógica, estética, teoria do conhecimento, filosofia da ciência, teoria das ciências humanas, ética e política). E à medida em que enfrentamos os problemas teóricos que essas áreas apresentam, procedemos o trabalho sobre nossos conceitos estruturantes, a saber: o ser, o devir, o conhecimento, a verdade, o poder, a justiça, o desejo, a moral, a liberdade, o senso crítico etc.

A opção assumida pela investigação de como se deu o enfrentamento desses problemas e conceitos na sequência da História da Filosofia garante-nos maiores chances de sistematização dos mesmos, sem e desde que com isso não interditemos o próprio filosofar dos alunos, sobre os problemas de nossa própria época. Ao contrário – nos recortes que, dada sua vastidão, é inevitável termos que fazer a partir dela –, visamos promover a incursão pela História da Filosofia como trampolim para o pensamento autônomo deles, dando-lhes voz e vez, simultaneamente ao conhecimento ordenado historicamente das ideias dos filósofos. Todavia, e por diligência, nossa escolha confere apenas um caráter balizador e sistematizador dos conteúdos, que podem até ter sua ordem alterada mediante as *necessidades* indicadas em aula pelas reflexões com os alunos. Essa flexibilidade responsável com a ordem de aparecimento dos conteúdos, que lhes permite surgirem excepcionalmente como mais oportunos, tem resultado na ampliação do interesse e na crescente valorização dos estudos filosóficos pelos alunos, bem como em um trabalho de formação mais integral deles enquanto pessoas e cidadãos.

Seja como for, é a partir de referências filosóficas adquiridas através da abordagem de *temas* surgidos com a História da Filosofia, e exercitando constantemente o raciocínio lógico sobretudo mediante *leituras, debates* e em *grupos cooperativos* e de *discussão*, além de aulas também *expositivas*, que elaboramos sempre com os alunos as *problematizações, argumentações, conceituações* acerca das questões contemporâneas com as quais possivelmente terão que lidar no futuro. E esse mesmo procedimento crítico é o que procuramos favorecer que os alunos também realizem, por sua vez, quando avaliados.

› ***As aplicação prática das avaliações e suas expectativas de aprendizado***

“É na mistura adúltera que estamos, e não na pseudo-originalidade.”

(Nietzsche, A Gaia e a Ciência, §333)

Em atenção às exigências de formalidade, de atualidade, às culturais, às interdisciplinares, às institucionais e às idiossincráticas de nossos alunos, adotamos em Filosofia *instrumentos de avaliação* que contemplam – além das demandas objetivas de uma sólida formação filosófica – uma razoável margem de *personalização* ou, se preferirem, de *singularização*, e não de individualização. Trata-se da disponibilidade, variando a cada bimestre, de uma série de opções de atividades individuais e coletivas a serem assumidas em livre escolha pelos alunos, e que promovem ora as *habilidades e competências*:

- de maior elaboração conceitual (escrita ou oral), tais como provas, seminários, a Redação Autobiográfica etc.;
- ora as de maior expressão artística, como o Momento Filosófico Cultural, o Trabalho Artístico-Filosófico e o Fanzine Filosófico;
- as de leitura, interpretação e relação, como o Programa de Leituras Extras, a partir de livros ou artigos afins em blogs, revistas e jornais impressos;
- ou as de domínio das novas tecnologias, como por exemplo a Produção de Vídeos, Slides e Jornaizinhos Filosóficos;
- ou ainda as de superações de ordem prática, psicológica, relacional etc., como o Autodesafio Filosófico;
- e as de maior interação social com a cidade e a cultura, como o Circuito de Eventos (em teatros, cinemas, museus, manifestações políticas, festivais artísticos, atividades esportivas e até religiosas etc.).

As alternativas desses instrumentos (quantos e quais, mas em geral sempre inúmeros deles) dispõem-se ao longo do ano a critério do professor em diálogo com os alunos, com o cuidado de garantir para cada um a passagem pelas variadas habilidades a serem desenvolvidas, bem como o equilíbrio entre as cobranças de ordem individual (a principal) e coletiva, seja esta última em grupos pequenos ou médios, ou ainda enquanto classe/sala ou até mesmo como série. De todo modo, não raro tem se demonstrado produtiva a prática de uma das atividades valendo 50% da nota (nunca a mesma em todos os bimestres) e duas valendo 25% cada, facultando essas últimas ao aluno optar entre as alternativas de trabalho individual ou coletivo.

Embora anualmente as propostas sofram aprimoramentos, apresentamos aquelas realizadas no último ano (2014). A fim de ilustrar mais concretamente, mantivemos sinalizados com o asterisco (*) posto à frente os exemplos de temas e textos de instrumentos já aplicados.

1. Atividades individuais (% varia conforme as propostas do bimestre)

1.1 Autodesafio filosófico

Consiste numa reflexão de até duas páginas acerca de um desafio autoproposto e comunicado por escrito ao professor até (___/___), que tenha sido inspirado por algo que estudamos (a partir de algum *pré-socrático) e que você tenha achado importante para a superação de alguma dificuldade particular sua. Deverá trazer uma justificativa, o relato de seu desempenho e o resultado, ainda que provisório, bem ou mal sucedido, dessa experiência. E não deixe de explorar alguns conceitos do filósofo. É algo bastante pessoal e tem que fazer sentido pra você. O professor conta com sua maturidade e honestidade ao assumir esta proposta.

1.2 Programa de leituras extras

Consiste numa análise e reflexão crítica de no máximo 2 páginas, relacionando com algum assunto do bimestre a leitura de:

- um livro completo (à escolha);
- dois artigos de revistas e/ou blogs (à escolha);
- três artigos de jornal impresso (à escolha).

(Escolha apenas uma das três opções logo acima.)

1.3 Circuito de eventos/atividades

Consiste numa reflexão crítica de no máximo uma página para cada evento/atividade, relacionando-os com os assuntos do bimestre e explorando seus conceitos principais. Será válido se você frequentar/assistir/participar, na cidade, de ao menos dois eventos ou atividades como: palestras, cursos, filmes (em cartaz apenas), museus, peças teatrais, exposições, estudos de meio, trabalhos voluntários etc. Se possível, anexe um comprovante de sua presença (bilhetes, certificados, fotos etc.).

1.4 Redação autobiográfica

Consiste numa redação de até duas páginas, sobre você mesmo(a), sob a perspectiva *nietzschiana, utilizando seus conhecimentos sobre as ideias deste filósofo como ferramentas conceituais para seu autoconhecimento. Visa a treiná-lo(a) para o Projeto Memória, dentre outros objetivos. O professor garante leitura sigilosa.

1.5 Fichamentos

Bem elaborados e completos, sobre estes dois textos* de leitura sugerida (ambos disponíveis no grupo do Facebook, na aba “Arquivos”):

- “Em busca de Ordem” (pág. 28 à 43), cap. 3 do livro “Filosofia da Ciência”, de Rubem Alves;
- “Tentando montar o quebra-cabeças” (pág. 11 à 18), cap. 3 do livro “O que é mito”, de Everardo Rocha (Coleção Primeiros Passos).

1.6 Ideias filosóficas para o Projeto Metrôpoles e Cidadania

Visando a contribuir com possíveis soluções para os problemas estudados no Projeto de série, esta proposta consiste na elaboração de ideias concretas, inspiradas em algo que estudamos no bimestre, e exemplificadas como funcionariam na prática. Essencial demonstrar como tais ideias se inspiram em algum conteúdo que estudamos e como contribuiriam com as questões próprias das metrôpoles e da cidadania.

1.7 Prova bimestral

[Aplicada durante a semana de provas bimestrais; duração máxima: 2h]

É sempre disponibilizada também, no grupo do facebook, com antecedência, a primeira página da prova, que trará diferentes propostas para vocês optarem (quando tiverem as provas em mãos). Cada proposta dá aos alunos relativa liberdade para decidir sobre o valor de cada questão, a quantidade e quais delas responderão (embora elas mesmas só são conhecidas durante a prova). Nessa primeira página eles também conhecem que critérios serão adotados para corrigir cada proposta escolhida.

2. Atividades em grupos (% varia conforme as propostas do bimestre)

[De 5 a 7 alunos, 3 temas à escolha]

2.1 Trabalho artístico-filosófico (T.A.F.)

(A explicação completa é disponibilizada na matriz disponível no grupo “secreto” no Facebook).

1. O que fazer: em grupo, escolhendo entre as modalidades e temas a seguir, criem obras de arte que demonstrem de modo conceitual, criativo, claro e belo a compreensão e reflexão do grupo acerca do tema escolhido. Se julgarem necessário (pensem no professor-apreciador), escrevam também uma brevíssima legenda (verdadeiramente) explicativa para justificar cada uma em relação a seu tema (fundamental identificar este em cada).

2. *Modalidades* (à escolha do grupo para cada tema): desenho, pintura, colagens, quadrinhos, fotografia, escultura (portátil), poesia (em monobloco com letra legível ou digitada) e/ou música (letra e áudio entregues via compartilhamento no grupo do facebook).

3. *Opções de temas (obrigatório três) para livre escolha (por *exemplo):*

- “Do Mito à Razão: uma nova maneira de pensar”
- “Mito e *logos* hoje: expressões culturais (atuais) das linguagens alegórica e lógica”
- “Liberdade de pensamento e decisão: a democracia da ágora como berço da Filosofia”
- “Tudo é um: a escola de Mileto e a *novidade* dos primeiros ‘amigos da sabedoria’”
- 5. “Empédocles: o amor e o ódio garantido a justiça do cosmo”
- 6. “Heráclito de Éfeso: tudo muda, nada permanece”
- 7. “Parmênides de Eléia: nada muda, tudo permanece”
- 8. “Heráclito x Parmênides: quem convence melhor?”
- 9. “Demócrito e a ‘invenção’ do átomo”
- 10. “O pensamento da *phýsis* e a Ciência do por vir”

4. Como são avaliados (em cada tema):

- Principalmente, pela *compreensão* e *domínio conceitual* dos temas [50%];
- Pela *criatividade* ao representar cada tema [35%];
- Pela clareza e *cuidado estético* em suas representações. Caprichem o máximo que puderem, pois qualquer sinal de negligência na dedicação pode prejudicar a nota [15%].

[*_*_ ponto será ganho apenas com o upload correto do T.A.F., digitalizado, em nosso grupo do facebook antes da entrega (somente das páginas trabalhadas, identificando em ‘comentários’ os nomes dos membros todos do grupo].

2.2 Produção de vídeo

Com duração entre 5 e 8 minutos, consiste na produção dentro de apenas uma das seguintes formas: a) entrevista(s), seguida com reflexão do grupo ao final; b) documentário; c) análise crítica a uma edição específica de um jornal televisivo; ou d) construção de uma história. A entrega ao professor se caracteriza pelo upload em nosso grupo no facebook, até 23h59 da data-limite estabelecida.

2.3 Jornalzinho filosófico

Demonstrando conhecimento acerca do conteúdo conceitual estudado, os alunos devem elaborar cada elemento, seção, coluna etc. - ex.: nome, logo, manchetes, fotos, editorial, entrevista, tirinhas. Criatividade e humor inteligente são bem-vindos. Pede-se que façam preferencialmente no *Publisher* (ou programa similar), em exatamente quatro páginas, com impressão colorida e em formato de jornal mesmo (não grampeado).

2.4 Fanzine filosófico

Prática já conhecida na Escola e promovida pelo grêmio estudantil, cada grupo de alunos deve inventar

as seções, convidando autores e artistas. Criatividade e humor inteligente são bem-vindos. É exigido garantir estarem demonstrando, direta ou indiretamente, conhecimento acerca do conteúdo conceitual estudado. Máximo de 12 páginas (3 folhas A4 na horizontal, dobradas).

2.5 Mostra de arte filosófica

Inspirada nos conteúdos estudados, consiste na instalação (na sala de aula ou noutra espaço) de uma galeria de arte plástica, sonora etc. Toda a realização (concepção, produção, reserva e montagem do espaço etc.) está sob responsabilidade e autonomia de cada grupo, os quais, interagindo entre si, devem compor um ambiente que se complementa pela produção dos demais grupos. Exige-se explorar os temas estudados no bimestre.

2.6 Seminários

Quatro grupos [duração máxima: 40 minutos para cada]

Temas (por *exemplo):

- O debate fé e razão na atualidade (ciência, filosofia e religião)
- Sistemas de valores e crenças nas religiões monoteístas (livros sagrados, teologia, propostas éticas e práticas rituais)
- Fundamentalismo religioso e intolerância ideológica hoje (dogmatismo x senso crítico)
- O jovem e a religião hoje: nossas dúvidas e nossas crenças

Orientações:

- Cada membro deve atuar apresentando parte dos conteúdos do seminário.
- O grupo deve utilizar exemplos concretos e práticos, mostrando como as ideias apresentadas se relacionam às situações reais de nossa vida.
- É obrigatória a utilização de: a) ou algum tipo de arte (cinema, música, pintura, fotografia etc.); b) ou de algum recurso tecnológico (Prezi, PowerPoint, vídeo etc.); c) ou, ainda, de ambas.
- Espera-se postura adequada dos apresentadores e também dos ouvintes (escuta e participação).
- Criatividade, humor, dinâmicas, interação com os ouvintes são muito bem-vindas.
- Pontualidade ao iniciar e ao encerrar.

3. Atividade em turma/sala toda (% varia conforme as propostas do bimestre)

3.1 Momento filosófico-cultural

[no auditório - duração: 30 min.]

Temas (Por *exemplo):

- O papel da dúvida em nossas vidas

- Nos limites da razão: tédio, diversão e sentimentos
- Aprender pela experiência
- O hábito... é um bom guia para a vida humana?

Ensaiado e preparado por todos os alunos de cada sala (não é da série toda junta), a apresentação deve explorar de modo explícito, embora artisticamente, os conceitos estudados. Cada aluno deve assumir responsabilidades e estar presente no dia, embora nem todos precisem se apresentar. Pode ser solene, dramática, cômica etc. Algumas aulas são disponibilizadas para ensaios diversos, mas exigem-se momentos de preparo extraclasse, sem o professor. É fundamental haver bom planejamento por parte dos próprios alunos para evitar imprevistos e improvisos desagradáveis.

De todos instrumentos de avaliação apresentados este tem sido, em nossa experiência, o que mais trabalha linguagens diversas, o que confere maior autonomia ao complexo processo dos alunos, o mais exigente em termos de tempo para criação e ensaios, de diálogos para tomadas de decisão. É também, de acordo com relatos feitos pelos alunos, o preferido por eles, e o gerador de maiores expectativas, angústias, satisfação e aprendizados.

3.2 Jogo ou dinâmica filosófica

Consiste na elaboração de algo lúdico e reflexivo que explore os conceitos estudados, ajudando a consolidar a compreensão deles. Seja um 'game', uma brincadeira, etc., toda a sala deverá ter cooperado para realização e estar presente no dia. Duração entre 25 e 35 minutos. A completa preparação está sob responsabilidade da turma e são estimulados a surpreenderem o professor.

3.3 Debate interclasses

Consiste em um debate de uma sala contra duas da mesma série, cada uma delas devendo se manter sempre coerente à uma linha argumentativa de uma corrente filosófica diferente estudada. Por exemplo, num debate sobre o tema "Ética: solucionando dilemas", cada turma argumenta sempre sob uma das seguintes perspectivas ou teorias éticas: 1. categórica/universalista; 2. utilitarista/consequencialista; 3. cético-relativista.

Elementos a serem avaliados:

- argumentação: 30% (consistência, profundidade e abrangência, sempre dentro da perspectiva ética a ser assumida por cada turma);
- Documento de Posicionamento Oficial (D.P.O): 10% (apenas um de cada sala, com uma lauda, a ser entregue no início do debate, defendendo sua perspectiva ética);

- Painel artístico: 10% (um por turma, confeccionado durante o debate e retratando-o como um todo)
- Regras: a critério de cada professor, conhecedor do que funciona melhor conforme as características das turmas. Recomenda-se controle rigoroso do tempo alternado das falas, talvez com algum objeto utilizado à mão do falante para demarcar o uso da palavra e alternância constante dos alunos na argumentação.

3.4 Grafiteagem

Proposta explicada e conforme:

Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=UTzylGC7_Rw&feature=youtu.be

E álbuns fotográficos de 2013 e 2014 disponíveis em:

https://www.facebook.com/pages/Gracinha-Escola-Nossa-Senhora-das-Gra%C3%A7as/343002315790237?sk=photos_stream&tab=photos_albums

3.5 Máximas da Felicidade – Noite grega (celebração – atividade não pontuada com nota)

[no pátio da Escola - duração: 120 min.]

Justiça, prudência, simplicidade, coragem, virtudes... é esse o caminho para a felicidade? Isso significa alguma coisa para os jovens de hoje? Não estariam eles mais preocupados em desfrutar os prazeres ou com os dilemas de escolhas para o futuro? A noite grega, “Máximas da Felicidade”, encerra as atividades da 1ª série do Ensino Médio. O projeto celebra os frutos do conhecimento desenvolvidos nas aulas de filosofia ao longo do ano. Vestidos de branco, os alunos envolvidos e reflexivos sobre o seu entendimento de felicidade, inspirados por Platão, Aristóteles e Epicuro, vivem um ritual com dança, leitura, música, luzes de velas, queima simbólica de objetos e textos, quebra de pratos, relatos de histórias, partilha de biscoito grego e flores. Momento rico de introspecção, simbolismos e expressão, a noite proporciona de forma prazerosa a retomada dos conteúdos estudados, consolidando-os juntamente com o reforço do vínculo entre os alunos, seus professores e a escola. Reflexão, espontaneidade, contato e alegria são as marcas dessa noite que comemora as virtudes, a amizade e a felicidade, numa perspectiva crítica ao hedonismo, consumismo e individualismo contemporâneos. Como uma alegria que não se quer perder, os frutos do pensamento dos alunos permanecem depois para serem vistos e, por que não, colhidos na árvore da felicidade presente no pátio da Escola, que se torna um belo presente natalino (porém laico) dos alunos à Escola.

Álbuns fotográficos de 2012, 2013 e 2014 disponíveis em:

https://www.facebook.com/pages/Gracinha-Escola-Nossa-Senhora-das-Gra%C3%A7as/343002315790237?sk=photos_stream&tab=photos_albums

4. Instrumentos de Recuperação (pontuação conforme o regimento da escola)

Também os dispositivos de *recuperação* garantem um trabalho personalizado e coerente com as causas de baixo desempenho em cada caso individual e circunstância, a partir da realização de autopropostas de superação do problema identificado e assumido pelo próprio aluno.

1ª etapa: Autoavaliação do processo de aprendizado e Autoproposta de trabalho

Consiste na redação, por parte do aluno, de um ou dois parágrafos refletindo sobre como assumiu os estudos em Filosofia no bimestre anterior (em que não alcançou média). O aluno deve pensar:

- no seu empenho individual;
- no seu envolvimento em grupo;
- em sua organização com as leituras e os prazos;
- na sua atenção, participação e presença nas aulas.

Visando a superar os possíveis problemas apontados na sua autoavaliação, deve-se elaborar um plano de trabalho individual. Para que seja aprovado pelo professor, o aluno tem que justificar essa autoproposta de trabalho como adequada para a superação das causas apontadas em sua autoavaliação, garantindo ainda que com ela o avaliado se propõe a demonstrar domínio dos principais conteúdos conceituais do bimestre anterior. Exige-se também uma descrição mínima dos passos do plano de trabalho.

2ª etapa: Apresentação da proposta e análise pelo professor

- Dentro de um prazo razoável, entrega-se a autoavaliação e autoproposta de trabalho ao professor, redigida em no máximo uma página, digitada e impressa, apenas.
- O aluno aguarda a apreciação do professor e a confirmação ou não da aceitação do trabalho proposto. O professor poderá aprová-lo, solicitar adaptações ou até a elaboração de uma nova proposta. Procura-se dar ao aluno um “feedback” em até uma semana.

3ª etapa: Entrega ao professor

Em aula, dentro do prazo estabelecido, o aluno entrega então seu trabalho ao professor. Este prazo é definitivamente inadiável, como sinal do compromisso do que se quer ver o aluno assumindo. Trabalhos entregues sem passar pela 1ª e 2ª etapas não são aceitos. De acordo com o regimento da Escola e como consta no manual do aluno, a pontuação máxima obtida no Programa de Recuperação pode acrescentar até 1,0 ponto na sua média do bimestre a ser recuperado. Espera-se do trabalho uma boa organização da estrutura do texto, argumentação consistente, clareza, compreensão correta dos conteúdos conceituais e adequação à autoproposta aprovada.

Conteúdos conceituais: [pré-definidos para os alunos em recuperação, por *exemplo]: Nietzsche: princípios apolíneo e dionisíaco / genealogia da moral, moral dos fortes e moral dos fracos / morte de Deus, transvaloração dos valores e o além-do-homem.

Detalhamos, por fim, com que *expectativas* construímos as práticas pedagógicas das aulas e das avaliações de Filosofia no Ensino Médio. Cooperando com os Projetos de cada série, em diálogo com os outros componentes curriculares e proporcionando as ferramentas conceituais para uma análise radical, rigorosa e de conjunto acerca dos problemas que a realidade apresenta, atuamos para que nosso aluno seja capaz de:

- elaborar propostas de intervenção solidária na sociedade, promovendo os direitos humanos e valorizando a diversidade sociocultural e o ecossistema;
- criar e empreender soluções transformadoras para problemas pontuais, sobretudo das metrópoles, em consonância com as exigências éticas e a partir das novas possibilidades abertas pelo conhecimento;
- interpretar e relacionar de maneira crítica dados e informações representados de diferentes formas, para tomadas de decisões e enfrentamento de situações-problema também de ordem pessoal;
- desenvolver sua sensibilidade estética e criatividade através de atividades artístico-filosóficas que exijam e promovam suas mais diversas habilidades e competências;
- comunicar-se com clareza e eficácia, através de argumentação consistente;
- relacionar conhecimentos diversos e, a partir disso, construir novos, bem como aprender a compartilhá-los e difundi-los com responsabilidade na sociedade;
- adaptar-se a contextos diversos, principalmente aos conflitivos, com equilíbrio e ousadia;
- valorizar e mesmo liderar atividades cooperativas, em grupos de trabalho sobre produções técnicas, artísticas ou intelectuais;
- e, enfim, consolidar-se no exercício da reflexão filosófica, de modo a adquirir e ampliar constantemente sua consciência crítica acerca das práticas, crenças, ideias, discursos e valores da contemporaneidade.

Em ambos os instrumentos de avaliação, os regulares e os de recuperação, pela possibilidade de alternativas oferecidas e de modo mais democrático e menos vertical, temos conseguido promover no aluno o interesse, a reflexão, a autonomia e o comprometimento, além de uma “ponte de sentidos” que lhe permita reconhecer a fundamental importância do conhecimento em sua vida e do protagonismo que lhe cabe nessa aventura permanente.

Referências bibliográficas

- APPLE, M. W. Os professores e o Currículo: abordagens sociológicas. Educa: Lisboa, 1997.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Experiência do Pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2002.
- COSSUTA, F. Elementos para a Leitura de Textos Filosóficos. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. O Que É Filosofia? São Paulo: Editora 34, 2001.
- FAVARETTO, Celso. Sobre o Ensino de Filosofia. In: Revista Faculdade de Educação USP. v.19, jan/jun 1993. p.97-102.
- FREIRE, Paulo. Política e Educação. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Partir da infância – diálogos sobre a educação. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GALLO, Silvio. Filosofia e Educação: Pistas para um Diálogo Transversal. In: KOHAN, Walter, Ensino de Filosofia – Perspectivas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.277-288.
- GELAMO, Rodrigo Pelloso. O Ensino da Filosofia no Limiar da Contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia? São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- KANT, Immanuel. Que significa orientar-se no pensamento. In: Textos Seletos. Petrópolis: Vozes, 2013, p.46-62.
- _____. Resposta à pergunta: Que é o “Esclarecimento”? (Aufklärung). In: Textos Seletos. Petrópolis: Vozes, 2013, p.63-71.
- LEBRUN, Gerard. A Paciência do Conceito: ensaio sobre o discurso hegeliano. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- _____. Por que Filósofo? In: Estudos CEBRAP 15 Jan- Mar. 1976, p.148-153.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Currículo e Formação: O Ensino da Filosofia. In: Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v.20, n.63, 1993, p.797-806.
- _____. Por que Filosofia no Segundo Grau. In: Estudos Avançados 6 (14), 1992, p.157-166.
- LORIERI, Marco Antonio. Filosofia: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCONI, E. & BICUDO F. A Polêmica sobre a Obrigatoriedade de Sociologia e Filosofia.
- MAUGÜÉ, Jean. O Ensino da Filosofia: Suas Diretrizes. In: R.B.F., v.5, fasc.4, n.20, 1955, p.642-649.
- MORIN, Edgar. Rumo ao Abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- PARECER DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CNE 38/2006
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Para que servem as humanidades? Mais! FOLHA de São Paulo, 30/06/2002.
- PINTO, J. M. de R. O ensino médio. In: OLIVEIRA, R. M.; ADRIÃO, T. (orgs.). Organização do Ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LBD. São Paulo: Xamã, 2002.

PIRES DA SILVA, João Carlos Salles. Parâmetros Curriculares Nacionais da Filosofia no Ensino Médio – 2005, p.1-24.

RANOVSKY, Alejandro. Filosofía del Docente Filósofo. Buenos Aires, Colisión Libros, 2014.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia – teorias da educação; curvatura da vara; onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez, 1985.

_____. Pedagogia Histórico-Crítica. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. Campinas: Autores Associados, 1995.

SERRES, Michel. Homicênias – o começo de uma outra humanidade? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A ‘nova’ direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: GENTILI, Pablo A. A. e SILVA, Tomaz Tadeu da. Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação. Petrópolis: Vozes, 1996.

TASSIN, Étienne. O “Valor Formador” da Filosofia. [Tradução: Renata Maria Parreira Cordeiro], p.1-10.